

# PROSTITUIÇÃO

## Combater as causas



A prostituição, «um problema social que se manifesta sobretudo nas cidades, atingindo também algumas vilas (...) actualmente verifica-se com maior incidência nas cidades, sedes distritais e algumas vilas, com menores proporções no campo» conforme indica o documento sobre a análise da situação social da mulher apresentado à Conferência Extraordinária da OMM. Adoptada uma posição dura contra a sua prática, parece sensato reflectir sobre a sua origem e características; olhar a experiência de combate já acumulada, exercitando-nos para o que falta fazer nesta área da vida social. Analisando a sua origem, pode-se concluir ser esta uma prática do período histórico que corresponde à barbárie transposta em forma de resquício para os tempos modernos.

Sobre o assunto, diz-se que, «separando-a do marido pelo trabalho forçado, privando-a dos meios de sustento do lar e dos filhos, o colonialismo criou deste modo condições para forçar a mulher a recorrer à venda do seu corpo, a prostituir-se, para poder sobreviver. A mulher avilta-se, degrada-se, é submetida à forma extrema de humilhação pelos colonialistas que fazem dela, além da força de trabalho e máquina reprodutora, também um instrumento de prazer».

É assim que a prostituição, e também o fabrico ilegal de bebidas alcoólicas tradicionais, aparece como alternativa da mulher cujo sustento dos filhos ou de outros familiares directos é de sua exclusiva responsabilidade.

Para aquelas mulheres que não possuíam formação académica ou especialização profissional, «a prostituição aparecia como a única fonte de rendimento possível e no Sul de Moçambique muitas mulheres enveredaram pela prostituição para amealhar dinheiro suficiente para devolver o lobolo e libertar-se de um casamento infeliz».

A prostituição era encorajada e promovida em Moçambique, tendo sido legal para meretrizes autorizadas por instituições coloniais, até ao ano de 1962. É de acordo com o Decreto-Lei número 44579, de 19 de Setembro de 1962, que se ilegaliza a prostituição, período a partir do qual, garantem alguns documentos, «a prostituição floresce». O documento da

análise da situação social da mulher apresentado à Conferência Extraordinária da OMM, atribui esse facto à «proliferação do exército colonial português, por todo o país».

O mesmo documento, afirmando que esta prática verifica-se ainda hoje, embora camuflada, acentua que, «algumas trabalhadoras prostituem-se em troca de benefícios materiais ou para ascenderem a posições destacadas nos sectores de produção». Outros factores apontados pelo documento são o «afluxo de mulheres vindas do campo para a cidade à procura de trabalho, ou com a ilusão de uma vida mais fácil e que, não atingindo o seu objectivo, acabam por se prostituírem», e as «mães solteiras que não possuem uma profissão ou por qualquer outra razão não conseguem emprego, dedicam-se à prostituição como forma de se sustentarem e a seus filhos».

### A LUZ DA HISTÓRIA

Segundo Engels, na «Origem da Família, da Propriedade e do Estado», «a entrega por dinheiro foi, a princípio, um acto religioso: era praticada no tempo da deusa do amor e, primitivamente, o dinheiro ia para as arcas do templo».

Mais adiante Friedrich Engels adianta que, «as hieródulas de Anaitis, na Arménia, de Afrodite, em Corinto, tal como as bailarinas religiosas agregadas aos templos da Índia, conhecidas pelo nome de bayaderas, foram as primeiras prostitutas». Hieródulas eram as escravas que serviam nos templos, naquela época histórica.

Explicando que esta prática é um legado do casamento por grupos, prática dos primórdios da barbárie, salienta que «o sacrifício da entrega, a princípio dever de



todas as mulheres, passou a ser exercido, mais tarde, apenas por essas sacerdotisas, em substituição de todas as demais».

«Assim, pois, é também um resto do matrimónio por grupos, mas que chegou até nós por outros caminhos.»

Enfatizando que o heterismo é uma instituição social como outra qualquer, mantendo a antiga liberdade sexual apenas em proveito dos homens, Engels afirma que, «com a diferenciação na propriedade, isto é, já na fase superior da barbárie, aparece, esporadicamente, o trabalho assalariado junto ao trabalho dos escravos e, ao mesmo tempo, como seu correlativo necessário, a prostituição profissional das mulheres aparece junto à entrega forçada das escravas. Desse modo, pois, é dúbia a herança que o matrimónio por grupos legou à civilização — e tudo o que a civilização produz é também dúbio, ambíguo, equívoco, contraditório: de um lado a monogamia, do outro o heterismo, incluída a sua forma extrema, a prostituição».

Eis aqui, parece, uma reflexão a tomar em conta no combate à prostituição, o que significa medir a sua origem histórica e os mecanismos a utilizar, dado o facto de ser um fenómeno social intrínseco ao desenvolvimento da humanidade.

## O COMBATE

Como que a testemunhar uma posição vigorosa contra a prostituição no país, como vimos, uma prática que tem as suas raízes assentes na época histórica da barbárie, o documento da análise da situação social da mulher propõe o «encaminhamento para os cen-

tros de reeducação e outras formas de integração da mulher na produção» e a «conversação com as prostitutas para conhecimento das causas dos seus problemas».

Sobre este assunto, Lenine disse em 1913 que, «em Londres encerrou-se recentemente o quinto Congresso Internacional da luta contra o tráfico de brancas...» Referindo-se a esse encontro, aquele intelectual disse que, «expandiram-se a seu gosto duquesas, condesas, bispos, pastores, rabinos, funcionários da polícia e toda a classe de filantropos burgueses. Quantos discursos grandiloquentes sobre as ignomínias da prostituição!», contra a qual, os «distintos delegados burgueses ao Congresso» preconizaram principalmente dois meios de luta: «a religião e a polícia. Segundo eles, isto é o mais seguro e eficaz contra a prostituição».

Mais adiante porém, Lenine afirma que, «quando o delegado austríaco tentou colocar a questão relativa às causas sociais da prostituição, a exploração do trabalho infantil, as insuportáveis condições de habitação, etc., o orador foi reduzido ao silêncio pelas exclamações hostis do auditório».

Assim, no nosso país, «porque muitas prostitutas vendem o seu corpo como maneira de sobreviver, o maior incentivo para deixar a prostituição é a existência de outras possibilidades de emprego», como escrevem Barbara Isaacman e June Stephan em «A Mulher mocambicana no processo de libertação».

## A EXPERIÊNCIA

Em 1975, ainda durante o Governo de Transição «funcioná-

rios do Governo conjuntamente com a polícia, o exército português e as Forças Populares de Libertação de Moçambique ocuparam a Rua Araújo, a principal e mais óbvia zona da prostituição na baixa de Maputo», numa primeira tentativa para erradicar a prostituição. A ideia era prender as prostitutas, enviá-las para centros de reeducação onde iriam aprender ofícios úteis, tornando-se assim membros produtivos da sociedade.

A par disto, os grupos dinamizadores em todo o país lançaram campanhas similares contra as prostitutas nas suas áreas de residência. Em Setembro e Outubro de 1975, «houve uma reacção popular em relação à prostituição nos subúrbios de Maputo. Residentes dos bairros onde moravam as prostitutas assaltaram os seus quartos e, destruindo camas e mobílias, obrigaram-nas a fugir dessas zonas». Decorreu destas campanhas que muitas prostitutas fossem enviadas para campos de reeducação, e, com elas, «algumas mulheres falsamente acusadas de serem prostitutas». Como acontece muitas vezes com este tipo de manifestações, «muitas pessoas entusiasmaram-se em demasia com o seu trabalho e ocorreram algumas injustiças».

A OMM, chegou a reunir-se com todas as mulheres presas injustamente para explicar que haviam sido erros de actuação dos envolvidos na campanha, não anulando nem por isso a mancha na imagem do seu trabalho. Apesar de todos estes acontecimentos, relatórios enviados em 1979 ao Secretariado Nacional da OMM davam conta de um decréscimo considerável na prática da prostituição.

Estando, «o desenvolvimento das aldeias comunais a verificar-se a uma velocidade mais lenta do que tinha sido originalmente planeado», a ideia de tornar as prostitutas reeducadas «membros produtivos das aldeias comunais» enfrentou alguns problemas de aplicação, embora haja casos de prostitutas reintegradas e já regeneradas.

Hilário Matusse



A prostituição esteve ligada à presença colonial